

JÚLIO G. GARCIA MOREJÓN (\*)

**CIVILIZAÇÃO  
VERSUS CULTURA  
O DILEMA  
DO NOSSO TEMPO**

ABSTRACTS:

The author distinguishes and counteracts culture and civilization, emphasizing - that the spirit of civilization is culture, as cause and signal of true human liberation.

RESUMO -

O Autor distingue e contrapõe cultura e civilização, salientando que a alma da civilização é a cultura, como causa e - sinal de libertação humana autêntica. -

---

\*O Autor, membro do Conselho Federal de Educação, ex-professor desta Faculdade, pronunciou aqui esta conferência, no - dia 23 de setembro de 1.980, dentro do Ciclo de Homenagens a Dom Aguirre.

O mundo nosso, o mundo atual, é um mundo imerso na temporalidade e, por conseguinte, passível de destruição. Vivemos o apogeu da civilização moderna, no auge da contemporaneidade. Disso temos cada dia consciência clara. Se encararmos os fatos historicamente, civilização é sinônimo de matéria e destruição. O termo reflete ou traduz a ação do homem e da sociedade sobre a natureza. Tem, por conseguinte, começo, ápice e fim. A civilização é produto exclusivo do homem terreno. Pode-se falar de civilizações, no plural, todas extintas, à exceção de nossa, em fase de extinção. A civilização é um fruto-material do passado, do qual tomamos conhecimento através dos estudos arqueológicos, de uma arqueologia antropológica ou de qualquer outra vertente da pesquisa e do conhecimento histórico. O homem que vive imerso nos fatos de civilização, dominado pelas coordenadas de temporalidade - que fundamentam os edifícios da escravidão, da revolta e da dominação que definem o termo, é um ser distanciado dos ensinamentos de Cristo. Não podemos saber o que diferencia o homem de civilizações das épocas antigas - egípcia, grega, romana etc. - do homem de civilizações da época atual, pois ambos reverenciam os mesmos valores, adoram os mesmos ídolos, e se definem em virtude de seu interesse pela transitoriedade. O homem que idolatra os fatos de civilização é o homem temporal.

A civilização subordina tudo ao progresso material. Progresso, tal como a maioria entende atualmente o termo, chega a ser sinônimo de civilização. A civiliza

ção é repressiva. Freud, cujas idéias não são fruto de sutil espiritualismo, já insistira nesse princípio. Segundo ele, a civilização se baseia na subjugação permanente dos instintos humanos. "Quando a força da repressão chega ao grau de anular a iniciativa individual; quando os controles sociais afogam a liberdade do indivíduo; quando este se transforma em objeto de alienação mental, a civilização em cujo bojo se produzem estas circunstâncias encontra-se em crise, anuncia sua própria extinção e passa, finalmente, a não cumprir a missão essencial de instrumento a serviço do homem e para o homem. Este é o caso de antigas civilizações, extintas a partir do instante em que não mais contribuíram para a prestação de um serviço e substituídas por outras que aportavam novas energias, valores e idéias, realizações, em fim, que alguns historiadores explicam por um elementar processo de dominação. Não resta dúvida que a dominação, historicamente considerada, é um princípio de civilização. E, certamente, a civilização tem progredido como dominação organizada".

Estamos tentando demonstrar que o homem dos nossos dias, está dominado pelos chamados fatos de civilização; que o homem atual, que se orgulha do progresso material, que vive subjugado a esse progresso, que é dominado pelos objetos, é antípoda do homem-alma, do homem que vive em e em função da eternidade. O homem atual, que constroa a máquina e se apropria ve-lozmente dos objetos, numa volúpia esquizofrênica, confunde-se com suas próprias criações materiais, e como máquina sem al

ma gera sua própria destruição. Prova-se a cada instante esta teoria. A psicose -- dos cidadãos do nosso tempo é motivada pelo medo que inspiram os arsenais de dominação, transformados nos gigantescos zeros da destruição atômica. E prova-se isto a tal ponto, que todo o nosso esforço gira em redor da preparação do cataclismo. O mundo atual se autodestruirá quando o homem perca o controle dos produtos de -- seus anseios de dominação, quando o homem não consiga controlar por mais tempo os mecanismos de destruição gerados pelo fator característico dos impulsos do chamado progresso contemporâneo: o medo. É -- quando o indivíduo chega a ter medo até -- de si próprio, chega a desconfiar de sua própria lucidez, perdidas as perspectivas do discernimento crítico, sem ver ou reconhecer outros valores que os valores da -- dominação; quando seu livre alvourio conduz esse indivíduo até o abismo absoluto de uma solidão sem estrelas, ao abismo de uma noite total sem horizonte remoto de -- luz, podemos constatar o suicídio da civilização. Porque quando o homem se esquece dos alicerces de cultura que devem fundamentar uma civilização sadia, esta civilização está chegando ao fim. Cultura e civilização, conceitos que se confundem muitas vezes, e que muitos historiadores e teóricos confundiram, são termos diferentes e, ao nosso ver, até antagônicos.

Cultura e civilização são o verso e -- reverso de uma mesma medalha. Cultura e civilização são dois polos em pugna, tal como chegaram hoje até nós, isto é, talvez se configuram no mundo nosso: cabeça e coração de um mesmo corpo, como diria -- um trágico pensador espanhol contemporã--

neo, de um mesmo ser. A cultura jamais pode arrastar a humanidade para o abismo. Jamais nega. Afirma sempre. Eleva. Outorga dignidade ao ser. Enobrece o homem. A civilização, quando não se levanta sobre os anseios de um impulso de cultura, gera -- seu próprio fim. Lembramo-nos a este propósito do mito platônico dos cavalos que conduzem velozmente uma carroça pela estrada que beira um precipício; do cavalo negro, que olha o precipício, atraído ou fascinado pela barranca, puxando para o abismo; e do cavalo branco, amarrado às mesmas rédeas, que olha para o alto, que olha para a luz, conduzindo a carroça pela estrada da salvação.

Cultura, palavra derivada do latim -- *colere* (cultivar) lembra atualmente pouco de seu valor etimológico. É lastimável, -- porém. As causas desta pouca lembrança -- das origens etimológicas do termo poderiam se achar nos estragos causados pelos -- avanços corrosivos da civilização sobre o valor do termo e pela fusão teórica de am -- bos os termos, civilização e cultura, na -- inteligência conceituadora do homem. A -- língua portuguesa conserva ainda, felizmente, a velha acepção latina quando referida às tarefas de cultivo da terra, e possui maior grandeza semântica do que o termo agricultura. Esta grandeza semântica, -- que deriva do respeito pela grandeza das -- coisas do campo, percorre o termo cultura em sua acepção puramente intelectual, a -- çada a partir da Idade Média, quando da -- cultura, neste sentido, eram depositários e transmissores os chamados clérigos ou -- homens cultos. A cultura não tem fim, ao -- contrário da civilização. A cultura não -- gera escravidão e, por conseguinte, nenhum tipo de subversão ou de dominação. A cultura ama a liberdade e proclama a liberda

de do homem. Fundamenta-se nessa mesma li-  
berdade. A evolução da cultura baseia-se  
no desenvolvimento livre da capacidade in-  
tellectual e espiritual do homem. Cultura-  
é sinônimo de espírito criador. E a sensi-  
bilidade humana está na base da cultura.-

O antônimo da cultura é a destruição.  
Eis porque ousamos afirmar, nesta nossa -  
meditação trágica, sem ousadias sofísti-  
cas, sem vontade de paradoxo, que cultura  
é antípoda de civilização, tal como nós -  
entendemos, em nossa consciência crítica,  
o vocábulo. A linguagem da civilização --  
são os objetos, a que tão amarrados esta-  
mos. A linguagem da cultura é a fala arti-  
culada, isso que diferencia o ser racio--  
nal do irracional: a fala, oral e escrita,  
que está se transformando em grunhidos, -  
que está chegando a ser programada até --  
nos indivíduos, perdendo seu poder cria--  
dor. Eis a linguagem da civilização atual,  
que está mais perto dos impulsos instinti-  
vos que a fala da cultura, a chamada comu-  
nicação humana. E quando a comunicação hu-  
mana falha - e falha constantemente no --  
mundo nosso -, e o indivíduo perde o con-  
trole da máquina que elaborou para levar-  
sua mensagem além fronteiras, endoidado -  
pelo poder do instrumento, o homem falha-  
e sua civilização perde o sentido. Falha,  
sublinhamos, porque a comunicação e os --  
falsos poderes da comunicação se subordi-  
nam aos princípios da dominação. Perderam-  
-se para sempre os valores da humildade,-  
da fé, da caridade, em prol do progresso.

Neste instante, a cultura é marginali-  
zada. Não interessa a mais ninguém. Mas -  
esta, felizmente, como a ave fênix, renas-  
ce de suas próprias cinzas. Será eterna,-



enquanto as civilizações morrem para sempre. Um dia, nós e as nossas coisas poderão ser uma vaga lembrança na memória dos nossos sucessores, se restar até lá memória de algo. Se, porém, restar memória, a nossa contribuição para o avanço e aperfeiçoamento do espírito poderá ser fundamento de criações vindouras.

As patrulhas ideológicas da civilização atual, quando segregam o homem culto, os homens de sensibilidade, os cultivadores da alma humana, assassinam a cultura. Mas esta, insistimos, renascerá sempre, se o homem for eterno. Porque a cultura está mais perto de Deus e da eternidade, enquanto a civilização é a encarnação do Maligno. Não poderá haver cultura sem civilização, poderá alguém contra-argumentar. Evidentemente. É civilização sem cultura. Como não pode haver corpo sem alma. Como em cada corpo deverá haver cabeça e coração, razão e fé. Mas a alma da civilização deverá ser a cultura. Quando a civilização se orgulha de suas próprias conquistas e o homem se olvida dos fatos de cultura que poderiam ter gerado o progresso, é uma civilização falida, como parece estar sendo a nossa. O mundo, que atinge atualmente o cimo do chamado progresso das comunicações, desemboca no mar desolado da solidão do homem contemporâneo. O mundo grande da comunicação; o mundo às vezes grotesco e até pantomímico da comunicação, é o mundo absurdo da incomunicação. Paradoxo que conduz ao paroxismo do indivíduo e da sociedade atual.

A cultura é a manifestação precípua da vida do espírito, cujo alvo é o enriquecimento do próprio espírito em prol da



da transcendência da vida humana. Este -- conceito contradiz o já clássico conceito de cultura do inglês E. Tylor, que em --- 1871, reproduzindo idéias de G. Klemm, dizia: "Cultura e civilização é o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, hábitos, leis, normas e todas as habilidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade". Veja-se que ambos os termos - cultura e - civilização - aparecem unidos, associados, motivando as numerosas confusões que esses vocábulos têm gerado na consciências dos críticos e pensadores contemporâneos. Aproximando-nos mais da verdade, isto é - daquilo que acreditamos seja a verdade, ou talvez a nossa verdade, ou quiçã ou desejo nosso de que seja esta a verdade, com A. Weber, quando em seu livro *Sociologia da História da cultura* afirma: "Civilização é o conjunto de elementos materiais e externos que o homem utiliza para dominar a natureza". "A civilização é o reino da existência técnica e eficaz que oferece - aos povos os meios técnicos para dominar a natureza". Veja-se que civilização, assim compreendida, identifica-se com a também assim chamada cultura material, enquanto que cultura designa o sistema de valores que transcende a chamada cultura material.

Haveria necessidade de retornar ao -- princípio de *humanitas*, da *humanitas* cristã, para entender a cultura não como a -- "cultura civile", de que falava o italiano Bernardo Davanzati em 1638, mas como - os humanistas da Renascença entendiam a - alma humana e as rotas do saber. O termo *humanitas*, acunhanado no século XV, remete ao homem integral, isto é, define ou - tenta descobrir aquilo que de melhor exis

te dentro do homem, o homem como imagem - de Deus. Esse caminho na direção de Deus - deve ser sulcado pelo homem arando o campo com seu maior esforço. Essa aradura, - que deve ser profunda, para remover de -- vez todas as impurezas do terreno, virá - propiciar, chegadas as chuvas redentoras - da primavera - que simbolizam o verdadei- ro anseio de aperfeiçoamento da alma huma- na-, o desenvolvimento da humanidade e -- seus sucessivos degraus de aproximação de Deus. Porque o natural não pode anular e - não anula o sobrenatural. A *humanitas* -- cristã assume os valores da matéria e do espírito; não sacrifica o homem em nome - exclusivo de um desses valores. Maritain - propugna, em sua discutível teoria de uma Nova Cristandade, o ideal de um humanismo integral: "Este novo humanismo - sublinha-, que nada tem a ver com o humanismo burguês, e tanto mais humano quanto é incapaz de - adorar o homem, mas que respeita, real e - efetivamente, a dignidade humana e reco- - nhece o direito às exigências integrais - da pessoa, o compreendemos dirigido para - uma realização sócio-temporal de aquela - atenção evangélica pelo humano que deve - não somente existir na ordem espiritual, - mas se encarnar, visando o ideal de uma - comunidade fraterna". Nos séculos XVIII e XIX, alguns dos maiores cérebros da Alema- nha, como Goethe, Herder, Schiller, por - exemplo, sem aspirarem a identificar o ho- mem com Deus, designaram com o termo *Bil- dung* esse processo de aperfeiçoamento in- terior do homem, que também denominaram - *Kultur*, embora a palavra designe melhor - as manifestações mais elevadas daquilo -- que é chamado de civilização, e que se ex- pressa melhor em formas simbólicas, como-

filosofia, literatura, arte, música etc.- Observe-se, porém, que esses mesmos pensadores alemães designam com o nome de *Zivilization* aquilo que oferece ao homem conforto material, transporte, moradia, qualquer coisa técnica.

Gostaríamos de apregoar o retorno aos belos ideais humanísticos sem, porém, nos cingirmos ao retrógado processo da inversão dos tempos em todas as suas dimensões. Falamos de ideais eternos, universais, que ainda latejam na mente e no coração dos poucos espíritos redentores que por ventura restem no planeta. O homem universal; o homem como centro do universo, não segundo pretendia e definia Jakob Burckhardt referindo-se aos humanistas da Renascença, mas o homem como imagem e semelhança de Deus. Imagem da pureza divina. Semelhança na essência da perfeição. Eis a grande verdade a que aspira a cultura de todos os tempos, principalmente a cultura moderna. Neste sentido, devemos assinalar o seguinte: foi o Cristianismo que aportou ao mundo o princípio fundamental da verdade. Embora para o cristão a verdade seja e esteja em Cristo, na verdade do Cristianismo encontra-se a meta a que aspira a civilização com que devemos sonhar: a liberdade. Liberdade que é antônimo de escravidão. Liberdade, antônimo de dominação. A liberdade que conduz o homem, através das galerias misteriosas do universo, de seu próprio universo e do universo exterior, ao aconchego transcendental dos valores eternos, ao aconchego transcendental de Deus. Não teria sentido nenhum outro conceito de cultura sem a compreensão que essa coordenada cristã proclama por essa --

imensa plêiade de esforçados trabalhado--  
res da cultura que aspiram à salvação do-  
homem, de Cristo até os nossos dias. So--  
mente por aí deverá vir o sorriso reden--  
tor da humanidade contemporânea.

=====